

Início, meio, início.

Conversa com
Antônio Bispo dos Santos

Por Joviano Maia e Nego Bispo*



***Joviano Gabriel Maia Mayer** é arte-educador, advogado popular, mestre e doutorando em arquitetura e urbanismo pela UFMG. E-mail: mayerjoviano@gmail.com

Antônio Bispo dos Santos é lavrador, poeta, escritor, professor convidado em universidades e liderança quilombola ou, como prefere ser reconhecido, “um tradutor dos saberes”. E-mail: bispoquilombo@gmail.com



Esta conversa entre Joviano Maia e Nego Bispo foi gravada por telefone durante a quarentena da pandemia Covid-19, na noite do dia 14 de abril de 2020, e posteriormente transcrita pelo primeiro.

Foto: Guilherme Fagundes.

Nego Bispo. Salve!

Joviano. Salve, salve! Maravilha. E aí, tá de boa?

NB. De boa.

J. Bispo, então, estou gravando aqui nossa conversa. Primeiro, eu queria te agradecer muito por dois motivos especiais. Por se dispor a fazer essa conversa comigo, que eu acho que é mais um formato de conversa mesmo do que uma entrevista formal e também por ter topado participar da banca final do meu doutorado, dessa pesquisa que eu vou falar um pouco dela para

te situar. Falar um pouco do trabalho, como que eu cheguei até você, seu pensamento, como que foi esse encontro com aquilo que você tem difundido, os seus conceitos. Já tem muitos anos que eu trabalho com assessoria jurídica popular, acompanhando várias lutas aqui em Belo Horizonte e outras cidades. A pesquisa parte dessas resistências que eu acompanho, principalmente as ocupações, a luta pelos direitos humanos, enfim, eu faço uma cartografia, buscando conectar essas lutas a partir da educação popular, da advocacia popular. Digamos que, neste tempo, eu tive uma formação de uma esquerda tradicional, uma esquerda majoritariamente branca, com pensamento marxista e, ao longo desta pesquisa, eu fui me aproximando de outras matrizes de pensamento. Você pode me interromper fica à vontade.

NB. Tranquilo, tranquilo, pode ir falando.

J. Aí eu me aproximei do pensamento quilombista, Abdias Nascimento, a Beatriz Nascimento, aqui no nosso estado, também, a Conceição Evaristo. Pra citar o exemplo dela, eu aprendi muito mais com o livro “Becos da memória” do que com qualquer urbanista sobre segregação espacial, remoção, periferia, favela, enfim. E aí tem uma questão que veio muito forte também na minha pesquisa que foi a oralidade, que é algo também que você sempre pontua. Então eu resolvi fazer uma tese oral, eu gravei, o que eu chamo de “rolezinhos”, pedalando. Eu saio de bicicleta falando sobre essas lutas, os aprendizados que eu tive, os desafios sobre a autogestão, sobre as resistências. E a última resistência que eu me envolvi mais forte foi a do Kilombo Souza aqui em Belo Horizonte, bem perto, no meu bairro [Santa Tereza]. Uma comunidade quilombola que estava ameaçada de despejo, mas que só foi reconhecida, certificada como quilombola, no meio da luta. A resistência ao despejo resgatou a sua memória, a sua ancestralidade, a linha do tempo, e conseguiu se manter no território. Então tudo isso fez com que os conceitos que você trabalha e o seu pensamento caíssem como uma luva, foi um encontro muito feliz nesse meu trabalho e por isso também o interesse de fazer essa conversa e poder compartilhar contigo esses “rolezinhos” que eu tenho chamado de “rolezinhos por uma cartografia contra colonialista”. E com isso eu concluo essa primeira explicação da pesquisa pra falar que eu busco referendar a discussão que você faz sobre a perspectiva contra colonialista e não reforçando a questão do “decolonial”. Concordo muito quando você faz essa crítica, da gente ser contra colonialista reafirmando os nossos modos de existência. E o que mais me interessa nesta pesquisa, o que

me move, é o “como”. Como travar essa luta contra colonialista? Como se organizar e qual vai ser a nossa postura diante disso tudo que nós estamos vivendo e do avanço do colonialismo sobre as nossas vidas, especialmente neste momento político. Bom, então é isso, eu queria te ouvir. Inicialmente sobre este momento que nós estamos passando, essa conjuntura pandêmica. Como que você está avaliando essa situação toda da pandemia e os desafios. Aquele dia que eu te liguei, achei muito bonito você falar da biointeração, que você não está isolado, e sim biointeragindo com suas plantas, com a terra.

NB. Então, eu tenho conversado com algumas pessoas que estão também nos quilombos, e tem algumas experiências muito interessantes. Por exemplo, o Quilombo Mumbuca, lá em Tocantins, que tem um grupo de pesquisa muito interessante, as pesquisas são feitas lá na comunidade, eles tinham uma ponte que dá acesso à comunidade que, inclusive, foi construída em uma campanha que o quilombo fez. Eles isolaram essa ponte lá na comunidade. Desde o início da pandemia o quilombo se isolou, ninguém vai lá, ninguém sai, ninguém entra. Eles fecharam. O quilombo vivia muito do turismo, aí eles fecharam essa questão do turismo e passaram a retomar muito mais essa questão da produção agrícola, mas também estão fazendo uma experiência muito interessante com o capim dourado. Eles são extrativistas do capim dourado, são coletores, estão aproveitando esse período pra fazer experiência de cultivo. Estão pesquisando o cultivo do capim dourado. Então, tem muitos quilombos que estão aproveitando esse período pra se reeditarem, mas também pra resgatarem algumas práticas, alguns modos que eles fizeram no passado, ou seja, estão se fortalecendo e aproveitando essa experiência também para conversar com as gerações mais jovens e mostrar que é possível viver só no quilombo. Tem muitos quilombos que estão aproveitando esse momento pra reeditarem alguns modos inclusive que eles estavam vivendo de uma forma mais precarizada. Aqueles quilombos que são mais perto das cidades tem uma influência maior, que é o nosso caso, nós estamos a 5 quilômetros da sede do município. Então no nosso caso o contato com a cidade continua ainda muito forte, apesar dos cuidados, apesar da campanha, mas ainda está forte o contato. As pessoas também estão tendo alguns cuidados, tem muito mais gente cuidando das roças, cuidando dos animais, muito mais gente cuidando de si, de forma mais interna. Assim, eu creio que se não acontecer de muitas pessoas serem contagiadas nos quilombos, os quilombos vão sair fortalecidos desta pandemia. É uma avaliação ainda muito superficial, mas

1: Rafael Barros, amigo das lutas, antropólogo que constrói junto com a Deputada Federal Áurea Carolina (PSOL) os mandatos da Gabinetona. Foi Rafa quem me apresentou Nego Bispo na nossa casa quando morávamos juntos em Santa Tereza, BH.

muitos quilombos vão sair mais fortalecidos, principalmente aqueles que estão mais distantes das cidades. Tem um detalhe muito importante que não está sendo comentado, nós tivemos um longo período de estiagem aqui no semi-árido, na Caatinga. Só que neste ano de 2020 é o contrário, nós tivemos muita chuva, o tempo foi muito bom. Aqui mesmo, no Piauí mesmo, nós tivemos chuvas desde janeiro até agora, hoje mesmo choveu muito aqui no quilombo. Então nós estamos com 4 meses de chuva, o que não acontecia há 7 anos, ou mais. Ou seja, os açudes encheram, os barreiros, as lagoas, nós estamos tendo uma fartura de peixes muito grande. Enfim, a própria natureza, ela está sendo generosa com os quilombos. Tem muitas frutas nativas, no nosso tem muito umbu, a produção agrícola foi boa este ano, aqui tem uma grande produção nos quilombos da região, tem quilombos que produziram como há dez anos não produziam. Então, do ponto de vista da alimentação nos quilombos não está ruim, não está difícil não. A única preocupação nossa é com essa história de ser ou não ser contagiado, mas se a gente segurar o corona vírus, nós vamos sair fortalecidos dessa situação.

J. Massa. Outro dia eu o Rafa[1] estávamos conversando sobre a pandemia e ele me fez refletir sobre a nossa relação com o vírus a partir da biointeração. A ciência moderna ocidental pensa em termos de destruição do vírus, uma guerra contra o vírus. Temos que acabar com o vírus, matar o vírus. E ele fez esse esforço da gente pensar como que é possível biointeragir com covid-19? Pensando que esse vírus faz parte do mesmo macrocosmo que a gente. Ele está aí, na Terra. Eu achei bem legal a gente poder pensar nesse sentido, pelo enfoque da biointeração. Como que nesse contexto a gente se fortalece, acho que é um pouco isso também que você está refletindo.

NB. Então, tem uma amiga nossa, eu não sei se você já ouviu falar dela, a Tainá Marajoara, ela tem um grande acúmulo de discussão, conhecimento justamente na área da cultura alimentar. Eu falei com ela no início da pandemia. Era para ter falado com ela antes de ter essa conversa contigo. Eu vou pedir para ela fazer um levantamento de como as pessoas que ela conhece que têm uma alimentação mais orgânica, como que essas pessoas estão sendo avaliadas com relação a esse vírus. Inclusive, não tenho informações necessárias para fazer essa conversa, mas eu vou só levantar para a gente refletir. Por que Nova York está tendo o maior número de mortes e pessoas atingidas? Esta é uma pergunta pra gente refletir. Eu estive em Nova York e vi que lá as pessoas se alimentam muito mal. As pessoas comem muito

enlatados, uma comida mono, quase sempre a mesma coisa. Isso fica para a gente refletir. E nos lugares onde as pessoas se alimentam diferente, por exemplo, como é que está ficando isso? São Paulo, se parece muito com Nova York, e tem também maior número de mortes no Brasil. Os grandes centros urbanos, as sociedades do Sudeste são as que mais estão morrendo. E as que têm uma relação mais orgânica são as que mais conseguem ficar bem. Tem que avaliar quantos quilombolas realmente morreram no corona vírus. Os povos indígenas são diferentes, eles têm um organismo com uma imunidade diferente da nossa. Porque eles vivem isolados dos colonialistas, como a gente convive muito com os colonialistas, eu creio que a imunidade dos quilombolas é muito diferente dos indígenas. Falando isso pra gente refletir e avaliar daqui pra frente.

J. Massa, você falando isso, Bispo, eu participo do movimento da agroecologia, nós tivemos aqui em BH o IV ENA (Encontro Nacional de Agroecologia) em 2018, você acha a agroecologia um campo de confluência importante para as lutas? Talvez seja uma aposta interessante para as lutas, uma vez que consegue agregar povos e comunidades tradicionais e ao mesmo tempo resistências nas cidades, de agricultura urbana, defesa do meio ambiente, movimentos sociais, enfim, o que você acha?

NB. Então, a agroecologia, a permacultura, todas essas experiências, que são experiências que têm ainda uma relação forte com colonialismo, mas são experiências importantes, que têm uma certa ousadia. Mas neste momento, o que está me chamando mais a atenção, que estou achando muito mais ousado, é uma experiência que está acontecendo no Kilombo Tenondé, na região de Valença, lá na Bahia.

J. Do Mestre Cobra Mansa, né?

NB. É, lá com o Mestre Cobrinha. Ou seja, o Mestre Cobra Mansa começou na verdade dentro dessa história da permacultura, ele avançou para uma coisa chamada “permangola”. Eu participei dos dois últimos encontros e nessas duas participações nós entendemos que a trajetória do Cobrinha é uma trajetória muito bacana e como ele trabalha com o cosmograma da cor, que é um cosmograma africano muito interessante, aí discutimos e avançamos do “permangola” para o “cosmoangola”. Então a gente foi para uma questão mais cósmica, cosmológica. E agora dentro da pandemia eles fecharam os portões lá do quilombo, e eles estão compondo uma experiência muito bacana, que

é o cosmograma da cor. É o plantio dentro do cosmograma da cor. Ou seja, é uma coisa para além por exemplo daquelas experiências da permacultura e da agroecologia das mandalas. O cosmograma da cor está para além da mandala. Ele trabalha o diálogo com cosmo como um todo. É muito bonito. Muitas coisas estão acontecendo, eu tenho conversado com muitas pessoas que foram pra roça nesse período, muitas pessoas que estavam na universidade tiveram tempo de ir pra roça, movimentar. E tem muita gente cozinhando, aperfeiçoando as práticas de cozinha. Inclusive eu. Cozinhei muito quando era adolescente, morei sozinho, lá na cidade. Depois que eu me casei, por conta da minha companheira ter uma experiência muito urbana e pouco rural, então ela ficou mais nessa parte da cozinha pra mim poder ficar mais tempo na roça. E aí agora eu estou retomando também minha prática na cozinha, fazendo uns bolos muito bacanas (risos). E tem muita gente cozinhando, muita gente cuidando dessa parte mais orgânica da vida. Então eu acho que todas as experiências são válidas, a agroecologia, a permacultura, a bioconstrução... agora, o que está mais me animando é essa coisa mesmo da matriz, como a história do “cosmoangola”.

J. Bispo, a minha trajetória tem sido mais nos conflitos urbanos, nas cidades, mesmo os conflitos que envolvem comunidade quilombola, os quilombos que temos aqui são urbanos, como o Kilombo Souza e outros quilombos aqui em Belo Horizonte, o Manzo, Luízes e o Mangueiras. Como que você pensa esse chamado ao “aquilombamento” nas lutas urbanas, a partir desses territórios na cidade? Porque, claro, é uma outra realidade. Um outro contexto. O que você pensa sobre isso, esse aquilombar-se no meio urbano?

NB. Então, de 2015 pra cá eu visitei todas as regiões do Brasil e muitas capitais. Onde eu tenho visitado mais é Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Piauí é o lugar onde eu vivo, tenho uma atuação muito mais intensa, mas visitei também muito São Luís. No Nordeste só falta eu visitar duas universidades federais, as outras federais aqui do Nordeste, eu visitei todas. Na minha compreensão Belo Horizonte, Minas Gerais, o povo mineiro, vários povos, quilombolas, indígenas, enfim, na minha compreensão é onde mais se preserva as culturas tradicionais. E uma experiência igual a de vocês, eu não conheço muitas no Brasil. Essa experiência de vocês aí, não vou dizer que é inédita, mas ela é rara. Não conheço muita gente que na área do direito faz esse trabalho com tanta firmeza conforme vocês fazem. Foi até bom você me fazer esse questionamento porque

nós temos experiências outras no Brasil que podem estar compartilhando com vocês no sentido de fortalecer. Porque eu acho muito bonito esse trabalho de vocês, não só bonito, eu acho ele muito resolutivo. Eu não conheço uma experiência que tem o aprofundamento dessa experiência de vocês aí, em outras cidades. Você conhece alguma? Vocês se inspiram em alguma ou vocês são os compositores desse processo?

J. Foi um ciclo aqui em Belo Horizonte. Realmente um ciclo coletivo de vários processos que acabaram desaguando, também, na construção das Muitas, da Gabinetona, mas foi algo que quando a gente olha pra trás, a gente percebe mesmo uma riqueza de construção coletiva que envolveu muitos sujeitos, muitas lutas, é um caso interessante mesmo. Por isso que nessa pesquisa eu quis compartilhar essas experiências, eu acho que isso tem a ver com o que você fala também da importância da gente aprender a partir dessas lutas, né Bispo? Quando por exemplo você fala que Palmares fez o que Karl Marx falou 200 anos depois, e a gente fala muito menos de Palmares, pensando enquanto esquerda colonialista, do que da Comuna de Paris. A esquerda fala muito menos de Canudos, Palmares, Pau de Colher e todas as nossas lutas do que as lutas de fora. Eu, nesse trabalho, quero justamente fazer isso, falar dessas resistências nossas aqui e de como os colonialistas atuaram para tentar despejar esses territórios, mas também como esses territórios se auto-organizaram para poder impedir os despejos. Ocupação Dandara, Izidora, Kilombo Souza, as ocupações como o Espaço Comum Luiz Estrela, o processo das Muitas, etc. Enfim, porque me parece que a gente tem muito o que aprender com as nossas próprias lutas, nas nossas próprias resistências.

NB. Então, na verdade, tem muitas experiências voltadas para o meio rural, na advocacia popular nós temos por exemplo a professora Sueli Rodrigues que coordena o Direitos Humanos e Cidadania (DiHuCi), nós temos também aqui o Antônio Flor, que é um grupo de advogados populares que tem dado uma grande contribuição para os quilombos, principalmente na questão dos impactos provocados pelos grandes empreendimentos. Nós temos alguns grupos muito interessantes, mas voltados para as comunidades nos meios urbanos, parecido com o trabalho de vocês, é isso que te falei, não conheço muito não. Na verdade, eu conheço vocês, pode ter, eu acredito, que tenha outras experiências, eu não convivo muito com advogados de cidade, é mais com atuação rural, mas essa experiência de vocês é muito bacana. Aqui no Piauí, nós temos o Lagoa do Norte, uma luta muito

acirrada da capital, em Teresina. Um povo que na verdade fundou Teresina e está sendo expulso agora. Aqui tem uma resistência muito grande, poderia ter intercambiado com vocês. Vou ver se coloco você em contato com esse pessoal. Esse trabalho de vocês aí é uma referência. E é isso que você falou, nós temos dificuldade de trabalhar os nossos referenciais históricos. A gente se perde nos referenciais teóricos do colonialista ao invés de analisar os nossos referenciais históricos. Quando se fala de uma Comuna de Paris, por exemplo, aqui nós temos Palmares, Canudos, Caldeirão do Deserto, Pau de Colher, Contestado, Balaiada, nós temos muita coisa, mas muita coisa, e a gente acaba não se dando conta. Às vezes a gente faz isso, a gente cita Abdias Nascimento, que é importante citar. A gente cita Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, mas a gente não cita as experiências coletivas, a gente cita as pessoas, a gente não cita os quilombos, não cita as grandes caminhadas. Este seu trabalho tem essa grande contribuição.

J. Obrigado Bispo. Você teve uma militância sindical, uma formação política também dentro desse campo da esquerda mais tradicional e hoje em dia, depois de ler “O Quilombismo”, do Abdias, eu fiquei pensando como a nossa esquerda é colonialista. Eu participei de muitos cursos de formação na militância, das Brigadas Populares, lá na Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST, e nesses espaços todos, eu nunca tinha ouvido falar do Abdias Nascimento, eu nunca tinha ouvido falar da Beatriz Nascimento, da Lélia González, de todas essas referências negras, e eu fiquei muito triste de pensar como que essa nossa esquerda ainda é colonialista neste aspecto da produção dos saberes. Enfim, estou compartilhando essa angústia, mas como fazer? Até o Paulo Freire, que é reconhecido no mundo inteiro, ainda é tão pouco reivindicado pela nossa esquerda. Eu fico na dúvida entre fazer essa disputa com meus companheiros e tentar difundir esse pensamento contra colonialista, potente, originário dessas vozes negras ou deixar para lá e fazer um trabalho paralelo fora desses espaços, dentro daquilo que eu acredito e desistir de disputar a esquerda. Parece que a gente fica dando soco em ponta de faca. E aí, você tendo passado também por esses cursos, sendo um tradutor, como você fala, um tradutor do pensamento quilombola, mas também tendo tido essa vivência no âmbito da esquerda tradicional hegemonicamente branca sindical, como que você vê isso? Qual postura ter diante de uma esquerda marxista fechada a esses outros saberes especialmente à perspectiva afrocentrada, afrodiaspórica?

NB. Então, deixa eu te dizer uma coisa, a minha formação foi muito interessante. Por exemplo, quando eu entrei para o movimento sindical, eu nem sabia concretamente onde é que eu estava indo. Eu não tinha nenhuma formação antes de chegar no movimento sindical. Como foi que aconteceu? Nós fizemos um empréstimo em um banco estatal, e aí na hora de aplicar os recursos, nos aplicamos direitinho só que foi no período daquele tempo que vivia mudando de moeda, do Plano Real, aí o banco resolveu quebrar o contrato com a gente, ou seja, ele resolveu que a gente tinha que pagar tudo de uma vez, pra evitar os juros astronômicos daquele período. Nós éramos 16 famílias que tomaram esse crédito. Eu era um dos poucos que tinha mais contato com a escrita e, literalmente, eu fui um tradutor naquele tempo. Eu tive que traduzir o contrato para nossos amigos. Naquele tempo estava acontecendo também a Constituinte, e eu assistia pelo rádio os debates da Constituinte na Voz do Brasil, não tinha televisão em casa. Eu ouvia um senador de Pernambuco, ele apresentou uma proposta de anistia dentro da Constituinte. E quando eu comecei a assistir esse programa eu chamei os outros lavradores e disse: olha, tem um cara dentro da Constituinte que tá querendo ver uma anistia pra gente, sobre esses créditos que nós tomamos, e eu vou apostar nisso, e a galera apostou. Junto comigo foram 14 famílias e duas famílias seguiram os políticos. Depois teve uma outra tentativa do banco e nós perdemos mais dois, ficamos em 12 famílias. Assim, quatro famílias seguiram os políticos, 12 fecharam comigo, e eu fui o tradutor. Essa conversa longa é pra te dizer que deu certo, nós fomos anistiados. Quando saiu essa anistia, eu não era nem sócio do sindicato. Aí o povo da região, foi lá onde eu nasci, e houve uma campanha que eu deveria ir para o sindicato. Por conta dessa ação, acharam que eu seria importante no sindicato, essa capacidade de fazer essa tradução. Foi assim que eu cheguei no sindicato, e lá eu comecei a fazer as traduções, os acordos, e daí eu cheguei na Federação. Então, na verdade, eu fui me formando na luta concreta. Eu não fui formado nesses cursos da esquerda tradicional, só que eu também participava desses cursos, eu participava mais de seminários, dos debates, dos congressos e fui levando essas experiências. E fui me formando dessa forma. E aí, eu coordenei muitas ocupações de terra. Qual o resultado? Quando eu compreendi que essa minha formação na prática, na realidade, no concreto, era muito mais importante do que a formação teórica, eu renunciei da estrutura sindical e saí da esquerda, ou melhor, saí do partido, saí da via eleitoral. Na verdade, eu fui formado pelas contradições da esquerda. As

contradições da esquerda me formaram muito mais. Eu participei de cursos, pouquíssimos, agora foi dentro do processo das minhas próprias contradições, das contradições da estrutura sindical, foram elas que foram formando, sempre com o suporte dos agricultores. Havia uma ação que o nosso povo dizia que era boa, eu repetia, quando era ruim, eu desistia. Então é isso, eu tenho uma formação muito mais da prática, no enfrentamento, do que nos cursos. Tem algumas frases dos trabalhadores que eu uso até hoje como sendo um grande referencial. Eu sempre digo assim, o quilombola, com o nome, pra evitar a personificação. Mas é isso, neste momento o que eu te diria é que citar Abdias Nascimento é importante, Conceição Evaristo, é bom sempre citar essas pessoas, mas sempre citar relacionando também com as lutas coletivas. Citar Abdias Nascimento, mas sempre citar os quilombos, citar Palmares, citar Canudos, Caldeirões. Eu não fico citando Zumbi, eu sempre cito Palmares, eu não cito Zumbi como o mais importante. Saiu até uma matéria num jornal aí de Belo Horizonte, que foi no último Canjerê, e lá eu estou dizendo isso, que Palmares existiu antes de Zumbi. Zumbi não inventou Palmares, Zumbi é tão importante quanto os outros quilombolas. Palmares teria existido sem Zumbi, mas Zumbi não teria existido sem Palmares. Eu tenho dito que o pensamento da esquerda é um pensamento cristão. Então essa relação da esquerda com o conhecimento é a relação cristã. Lá no Jardim do Éden, a primeira coisa que Deus fez com Adão foi proibir que Adão comesse da fruta da árvore do conhecimento, ou seja, Deus proibiu Adão de saber. Adão poderia ficar no Paraíso, desde que ele não comesse nada. Quando Adão come a fruta do conhecimento, ele é expulso. E daí pra cá, o conhecimento sempre é negado às pessoas, o acesso ao conhecimento. Então a esquerda também nega o acesso ao conhecimento, porque a esquerda tradicional precisa que suas estrelas saibam, que ela tenha os seus pensadores, os seus grandes formadores. Mas isso é bíblico, isso vem lá do Jardim do Éden. Então, esse trabalho que vocês estão fazendo nas “Muitas”, o pessoal da Gabinetona, todos vocês aí em Belo Horizonte, é um trabalho que quebra essa lógica da esquerda tradicional. Quebra aos poucos, mas quebra. O que eu acho que nós podemos avançar muito. Voltando à questão da biointeração, ao invés de falar direitos humanos, a gente aprofunde mais na questão dos direitos orgânicos. Eu estava vendo hoje uma postagem no Facebook, algumas questões filosóficas africanas, e o Wan Flor, não sei se você conhece ele, o Wanderson Flor, que é da UNB, ele estava chamando atenção pra isso, ao invés de dizer humano, por que não dizemos gente? Ao invés de

dizer humanos, por que não dizer pessoas? Esse humano é muito cristão, colonialista. Então tem muita gente vendo o pensamento africano hoje e traduzindo algumas questões africanas, inclusive algumas palavras. Quando se diz pessoas você não precisa preocupar se está sendo politicamente correto com relação ao masculino e ao feminino. Pessoas resolve tudo, resolve pro masculino e pro feminino. Quando você diz humanos você está no masculino, quando você diz pessoas você resolve essa questão. Quando você diz gente você também resolve essa questão. Você diz 'a' gente, você não diz 'o' gente. É isso, dá pra fazer ambas as coisas. Dá pra citar essas pessoas da escrita afro, da escrita quilombola, mas dá pra citar muito mais a escrita do que as pessoas que escreveram. Hoje mesmo, eu estava aqui conversando com a minha companheira e falando de algumas decisões que eu estou tomando. Ontem, eu mandei um texto pra ser publicado numa revista em parceria da Universidade do Amazonas com a Universidade Federal de Pernambuco. Aí recebi convite pra escrever mais dois textos, mas eu não vou escrever esses textos agora, não. Eu vou dar um tempo, eu quero é falar, fazer isso que eu estou fazendo, conversar, ficar conversando, por exemplo igual essa conversa que nós tivemos, eu acho muito mais orgânico. Mas é isso.

J. Como você fala sempre, a escrita é colonialista. Como que a gente utiliza ela dando prioridade para essa construção de um pensamento que é oral, mas ao mesmo tempo usando da escrita pra poder difundir pensamento, registrar memória, sem deixar de entender que nós somos povos da oralidade?

NB. Então, é isso. Algumas pessoas estão querendo me levar da oralidade para a escrita, o que eu tenho feito é o contrário, da escrita para oralidade. O nosso livro serviu para viabilizar diálogo, viabilizar conversa, não é que esses diálogos não sirvam para viabilizar a leitura, é o contrário. Pessoal tem insistido para eu escrever outro livro, eu disse não vou escrever outro livro, enquanto nosso livro estiver provocando conversa está bom demais. Porque a função do livro é provocar diálogo, provocar conversa.

J. E outra coisa também, nessa minha pesquisa eu percebi que sentar para poder escrever, ainda mais estando envolvido com as resistências, era muito doloroso até, é uma solidão ali da escrita, uma coisa de difícil de elaborar. E aí, quando eu comecei a pedalar e gravar minhas reflexões falando, em cima da bicicleta, o pensamento era muito mais fluido, muito mais

orgânico, muito mais elaborado do que a escrita solitária. Aí depois eu transcrevia, virava texto depois, mas como o seu livro, trazendo a oralidade pra escrita.

NB. Isso. E a escrita para a oralidade. Nesse processo, começo, meio e começo. Início, meio, início. Porque, por exemplo, quando eu escrevi no livro, eu só dava conta até ali, mas quando foi pra oralidade, rendeu. Eu pensava por exemplo que a biointeração seria a questão que ia ser mais debatida de todas aquelas coisas escritas. Na verdade, o que foi mais discutido foi a confluência. Hoje a confluência está se tornando a grande referência daquela escrita. E ela está dando conta inclusive dessa questão da biointeração. Eu tive conversando com um mestre de farinha lá do Pará e aí foi engraçado, eu falando da confluência e ele: “olha, foi bom você chamar a atenção pra isso, porque, por exemplo, eu confluí com os porcos”. Eu perguntei: como que foi essa sua confluência com os porcos? Ele disse: “olha, eu cheguei no pé de manga e as mangas boas, que eu olhava e achava que era melhor pra mim, eu catei. E aquelas que eu achava que não era melhor pra mim eu botei para os porcos. Então, eu e os porcos confluímos comendo manga” (risos). Eu achei muito engraçado. “Porque eu e os porcos somos quase parentes, né? Nós temos uma aproximação muito grande. Como foi que eu descobri que eu estou tão próximo dos porcos? Comendo manga. Porque eu como manga e o porco também come manga”. A confluência deu conta de si própria e da biointeração. Eu diria que isso é uma biointeração com o porco, aí ele disse “é uma confluência”, então tudo bem. É isso, na oralidade é que as palavras têm vida. Eu estou achando muito interessante que a sua tese está tendo isso, quer dizer, ela está indo da oralidade pra escrita, mas a escrita está indo pra oralidade. Então, está fazendo esse movimento. Porque com certeza, a partir da leitura dessas suas escritas, a sua própria oralidade está aparecendo, mas as outras pessoas também vão se fortalecer.

J. Massa. Início, meio, início.

NB. Exatamente.

J. Oh Bispo, só mais uma coisinha pra não tomar muito seu tempo...

NB. Não, estou de boa, pode ficar tranquilo, eu me organizei para ter essa conversa, estou aqui deitado na rede, conversando bem à vontade com você.

J. Maravilha. Uma outra coisa que eu queria também ouvir sua opinião: quando eu era adolescente, eu tive um contato com um livro que tinha lá na minha casa, era do papai, que se chamava “Os demônios descem do Norte” [de 1987, do Delcio Monteiro de Lima]. E esse livro falava sobre o avanço das igrejas evangélicas, neopentecostais, na América Latina e a relação delas com o imperialismo. E hoje, não tem um território, uma comunidade, uma vila, favela que não tem a presença dessas igrejas e com elas, como você diz, o pensamento cristão monoteísta. E a gente, nas lutas, nos territórios, como lidar? Eu estou falando da instituição, não das pessoas, não da fé e da religião em si, mas da instituição, desse neopentecostalismo que se alastrou por todos os rincões do Brasil. Me parece ser um inimigo central na luta contra colonialista. Me parece que é uma arma fundamental do colonialista essas igrejas, o neopentecostalismo, principalmente. Como que você vê isso também?

NB. Então, deixa eu te dizer. Aí foi onde a esquerda vacilou feio. Quando a esquerda pegou aquele jargão do Karl Marx de dizer que “a religião é o ópio do povo”, a esquerda ignorou uma grande realidade, ela também sendo religiosa. Porque veja você, a grande questão da bíblia é o trabalho. O trabalho é inventado lá em Gênesis. E tanto os cristãos católicos e evangélicos ou outra coisa, e a esquerda, como ela é muito católica, tipo o MST que surgiu do catolicismo, ela é muito católica, muito cristã também. Aí ela trata como se os evangélicos fossem pior do que os católicos, mas é tudo do mesmo jeito. Dentro da igreja católica nós temos algumas congregações que são mais radicais do que a Universal do Reino de Deus. O problema é que os católicos batem e assopram, os evangélicos são mais realistas, são mais sinceros, inclusive. É mais fácil você lidar com os evangélicos do que com os católicos. Os católicos são muito fingidos, são muito dissimulados. Então, não tem muita diferença, não. Entre a igreja evangélica e a católica, eu acho a igreja católica até pior, porque ela é camuflada. Eles ficam falando que são amigos pra iludir os outros, eles são aqueles amigos que ficam te entretendo pra poder te apunhalar pelas costas. Mas assim, o que eu vejo é o seguinte. Um dia, esse enfrentamento tem que ser papo reto, na vida real. Na verdade, eu nem sei mais se são os evangélicos que estão invadindo os quilombos ou se são os quilombos que estão invadindo os evangélicos. Essa é uma preocupação que nós temos que ter, mas não dá para ter do jeito que a esquerda está tendo, não. É uma coisa pra ser analisada profundamente porque é aquilo que eu sempre tenho dito: se nós somos poli, nós podemos ser inclusive cristãos. Os cristãos, que são mono, só

podem ser cristãos. Eles não podem ser mais que isso, mas nós podemos. Então eu acho que a gente está fazendo tempestade em copo d’água. Deixa eles virem porque eles vão fazer um estrago muito grande, mas eles também vão ser estragados. Muitos deles também vão depois ser superados. Porque eles têm igrejas demais e tem algumas que estão muito próximas da gente, então é isso. É uma questão para ser analisada com muito cuidado, mas esse não é o mal maior não. O mal maior, na verdade, é a própria esquerda. Porque a esquerda, ela é uma corretora de direitos, a esquerda vende direitos. O sindicato vende direitos para o patrão entregar. E aí? Da mesma forma que a esquerda vende direitos para o Estado entregar. Então olha o que que a esquerda fez. As igrejas construíram universidades, escolas de ensino médio. As melhores escolas de ensino médio são da igreja. Tem uma escola de ensino médio em Teresina avaliada como a melhor escola do Brasil, acho que é a João Barreto, se não me engano. Essas escolas são da igreja. Porque que a esquerda também não construiu suas escolas? Porque a esquerda não construiu seus aparelhos, seus bancos, sua televisão? Porque a esquerda não construiu a sua infraestrutura? Aí meu irmãozinho, as igrejas construíram. Então, o que está pra nós agora é nós construirmos nossa infraestrutura. Os quilombos construíram, construíram mais ou menos, mas tem que construir mais. Aqui no Piauí temos muita coisa boa pra fazer, nós temos alguns territórios indígenas que estão sendo titulados, demarcados, nós ainda temos uma Caatinga muito preservada. Estou pensando seriamente que vou viajar menos, que devo sair dessa pandemia com a minha roça que estava praticamente abandonada um pouquinho reestruturada. Eu vou cumprir com os compromissos que já tenho, mas não vou fazer novos compromissos não. Então vai chegar a hora que as pessoas vão ter que vir aqui se quiserem conversar comigo ou conversarem por telefone, por skype, mas eu vou viajar menos. Então você está super convidado. E nós temos muita coisa boa pra fazer, não só no Piauí, mas também nos quilombos fora.

J. Uma última questão, Bispo, com relação à geopolítica, em relação às ONGs financiadas pelo imperialismo atuando nos territórios tradicionais, com povos indígenas, quilombolas, qual sua opinião sobre essas ONGs que recebem dinheiro dos países do império, dos colonialistas, nesses territórios, como que você vê isso?

NB. Aqui no Piauí nós tomamos por decisão de não termos essas parcerias mais profundas com essas ONGs. Então nós, enquanto coordenação das comunidades quilombolas do Piauí,

não temos parceria com essas ONGs poderosas. Nós temos algumas conversas, mas sem permitir muita intimidade, ou seja, nos não captamos recursos internacionais, a gente trabalha com recursos próprios mesmos, as nossas energias. Então a nossa luta aqui, por incrível que pareça é uma luta muito orgânica. Algumas pessoas estranham, nós não temos nem uma pessoa liberada para fazer a luta quilombola aqui no estado. Nenhuma pessoa enquanto assessor, não fazemos diferença, fulano é diretor, fulano é assessor. As nossas assessorias aqui são parcerias, tipo assim, tem essas experiências que a gente compartilha com vocês, com outras pessoas, enfim. Eu acho que essas ONGs estão aqui à toa, não, elas estão fazendo um papel de espionagem, um papel de inteligência, elas estão financiadas pra passar as informações a nosso respeito. Pra você ter uma ideia, uma das grandes amigas nossas, grande parceira, que é a professora doutora Maria Suely, que é professora de direito na Universidade Federal e tem uma luta muito bacana parecida com a sua, ela ganhou uma bolsa da Fundação Ford pra fazer o mestrado, ou o doutorado, uma dessas duas pós graduações, agora ela já tem até o pós doc. Eu questionei: poxa, Sueli, uma bolsa da Fundação Ford, essa galera vai querer é que tu passa informação pra eles, das comunidade tradicionais. Aí ela entrou em pânico, que eu também via o ruim pra tudo quanto é lado, uma discussão muito acirrada. Depois você vai me dizer. Eles convidaram ela no final pra ir a Nova York ou Washington, sei lá, o pessoal da Ford. Cara, quando ela chegou, eu perguntei e aí, Sueli? Ela começou a chorar, e chorou muito. Porque ela disse que o pessoal da Fundação Ford não queria saber nada do trabalho científico dela, queriam exatamente conhecer o perfil da comunidade, ou seja, as ONGs, essas fundações que financiam pós-graduações, mestrado, doutorado, todas elas financiam pra nos espionar. Porque o referencial do macro é o micro. O referencial de um extremo é o outro, as comunidades tradicionais assustam muito mais ao império do que a esquerda. Porque a esquerda, o império já conhece, o que o império não conhece são as comunidades tradicionais. Essas ONGs fazem esse papel. Porque se eles tivessem interesse em apoiar as comunidades, eles não botavam ONG no meio, não, eles falavam direto. Ora, as comunidades têm associação, porque não financiam através das associações das comunidades? Porque tem que ser as ONGs? Porque as ONGs fazem esse papel e produzem relatórios. Então, a relação com as ONGs é muito perigosa, até porque tem muitas pessoas nas ONGs que nem sabem que estão fazendo esse papel. Tem pessoas que pensam, que acreditam no que estão fazendo. Tem pessoas que sabem que estão sendo sacanas, mas

a maioria, não, principalmente as que não são dirigentes, as que são funcionárias, elas pensam que estão fazendo um grande trabalho, mas, enfim, as ONGs na verdade são um serviço de inteligência do colonialismo.

J: Nossa, queria te agradecer muito, assim, não precisa nem falar, você sabe o tanto que eu sou seu fã, seu admirador. No meu trabalho eu estou o tempo todo falando de confluência, transfluência, contra colonialismo, enfim, você tem sido a principal referência para mim. Trabalhei com seus textos em sala de aula, com aquelas entrevistas publicadas na revista Piseagrama, com seu livro “Colonização, Quilombos, modos e significações”, enfim. Tomara que a gente consiga fazer a defesa presencialmente no dia 26 de julho.

NB. Eu te mandei a dissertação da Ana Mumbuca? A dissertação dela é uma das coisas mais belas contra colonialistas que eu conheci, na verdade é a primeira contra colonialista que eu conheci. É linda a dissertação dela. Com relação a essa história de fã, você disse que é meu fã, ao invés de você ser meu fã e eu seu fã, nós somos confluentes, aí resolve. Somos confluentes, resolve pra mim e pra você.

J. Maravilha! Somos confluentes. Então tá, muito obrigado, um abraço forte e a gente se fala, até breve.

NB. Abraço, vamos conversando.